



## A IMPORTÂNCIA DO PSICOPEDAGOGO EM PREVENIR DIFICULDADES DE LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

### RESUMO

Crianças que apresentam dificuldades na linguagem desencadeiam vários fatores negativos para o seu desenvolvimento normal nos aspectos cognitivos, pessoal, de estima e de relação social. Neste sentido, o presente estudo apresenta reflexões sobre a linguagem oral na fase da educação infantil: aquisição, o que é esperado de cada idade, fatores impeditivos para o desenvolvimento da mesma, assim como o papel do psicopedagogo nesse processo como forma de contribuição para a ampliação das capacidades de comunicação e expressão. Para elucidar: quais as possibilidades de intervenção do psicopedagogo em relação às dificuldades de aquisição de linguagem oral nas crianças na etapa da educação infantil?, questão-problema deste estudo, elencou-se como objetivo geral identificar as dificuldades encontradas na aprendizagem da linguagem oral, destacando o papel do psicopedagogo em ajudar e desempenhar seu trabalho para facilitar o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil neste aspecto. Trata-se de um estudo bibliográfico, com base nas obras de Castro e Gomes (2000); Fiorenzano (2017); Lima (2000); Mousinho et al. (2008); Prates e Martins (2013); Zorzi e Hage (2004) que abordam questões pertinentes ao tema. Como resultado, apresenta-se que o psicopedagogo deve compreender como a aquisição da linguagem ocorre, os fatores que impedem que a criança se devolva nesse processo e que este profissional deve trabalhar em parceria com o professor e com a família, prevenindo e agindo para que esse problema não se transforme em uma dificuldade de aprendizagem que desencadeará ainda, na criança, problemas na vida pessoal e nas relações interpessoais.

**Palavras-chave:** Dificuldade de Aprendizagem. Linguagem Oral. Psicopedagogo. Educação Infantil.

### INTRODUÇÃO

Quando as crianças apresentam dificuldades na linguagem são desencadeados vários fatores negativos para o seu desenvolvimento normal, como a frustração, o

CORREA, Joana.  
Pedagoga; Especialista em  
Psicopedagogia Institucional.  
(SINERGIA)  
jocorrea\_470@hotmail.com

GONZAGA, Cláudia Maria  
Sedrez.  
Pedagoga e Fonoaudióloga,  
Mestre em Ciências Médicas.  
(SINERGIA)  
claudia47fono@hotmail.com  
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4737721Y1>

FRAINER, Viviane.  
Pedagoga, Especialista em  
Supervisão Escolar e em  
Orientação Escolar  
(SINERGIA)  
vivianefrainer@hotmail.com  
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4315019P3>

CORREA, Joana; GONZAGA, Cláudia Maria Sedrez; FRAINER, Viviane. A importância do psicopedagogo em prevenir dificuldades de linguagem oral na educação infantil. **REFS – Revista Eletrônica da Faculdade Sinergia**, Navegantes, v.9, n.14, p. 19-29, jul./dez. 2018.

sentimento de rejeição, problemas de baixa autoestima, tendo como resultado a adoção de uma postura de isolamento e com dificuldades de comunicação; podendo também em alguns momentos, apresentar um comportamento agressivo, chegando ao ponto de não mais compreenderem as outras crianças, como também os adultos.

Neste sentido, o presente estudo apresenta reflexões sobre a linguagem oral na fase da educação infantil: aquisição, o que é esperado de cada idade, fatores impeditivos para o desenvolvimento da mesma, assim como o papel do psicopedagogo nesse processo, como forma de contribuição para a ampliação das capacidades de comunicação e expressão. A criança com dificuldades de linguagem, quando cedo diagnosticada, deve ser sensibilizada e trabalhada com auxílio de metodologias e práticas que ampliem sua capacidade expressiva, resgatando sua autoestima e a motivação para a aprendizagem. Para tanto, levantou-se a seguinte questão problema: quais as possibilidades de intervenção do psicopedagogo em relação às dificuldades de aquisição de linguagem oral nas crianças na etapa da educação infantil?

Como possibilidade para alcançar uma resposta, elencou-se como objetivo geral identificar as dificuldades encontradas na aprendizagem da linguagem oral, destacando o papel do psicopedagogo em ajudar e desempenhar seu trabalho para facilitar o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil neste aspecto. Para vislumbrar o percurso da pesquisa, foi estabelecido como

objetivos específicos: a) Identificar as etapas do desenvolvimento da linguagem oral nas crianças da educação infantil; b) Considerar as diferentes possibilidades de intervenção do psicopedagogo junto ao professor e à criança com dificuldade de linguagem; c) Analisar o papel do psicopedagogo em relação às diferentes práticas que possibilitem o desenvolvimento da linguagem oral na educação infantil.

Para elaboração do presente artigo, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica a fim de elucidar, entre os autores: Castro e Gomes (2000); Fiorenzano (2017); Lima (2000); Mousinho et al. (2008); Prates e Martins (2013); Zorzi e Hage (2004), bem como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) e a Base Nacional Comum Curricular (2018), questões pertinentes ao tema abordado.

Como resultado, apresenta-se que o psicopedagogo deve compreender como a aquisição da linguagem ocorre, os fatores que impedem que a criança se devolva nesse processo e que este profissional deve trabalhar em parceria com o professor e com a família, prevenindo e agindo para que esse problema não se transforme em uma dificuldade de aprendizagem que desencadeará, ainda, na criança, problemas na vida pessoal e nas relações interpessoais. Respeitar a singularidade de cada aluno e promover a igualdade de oportunidade, considerando suas necessidades no desenvolvimento do planejamento é de suma importância para o seu desenvolvimento integral.

## 1 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

As crianças ampliam e enriquecem seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão de forma progressiva, “apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação”. (BNCC, 2018, p. 40). Os comportamentos inatos tornam-se significativos para a criança e, posteriormente, são reproduzidos por elas, conforme a interpretação

que o adulto dá a ele, assim, “o contato mãe-criança por meio do olhar e melodia da fala são pré-requisitos para o desenvolvimento comunicativo”. (PRATES; MARTINS, 2013, p. 55). A curiosidade em relação à linguagem escrita, de acordo com a BNCC (2018), se manifesta desde cedo; quando a criança começa a ouvir e conviver com a leitura de textos, “ao observar os muitos textos que

circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. (BNCC, 2018, p. 40).

Para refletir sobre a aquisição da linguagem, faz-se necessário, primeiro, descrever sobre a diferença entre os conceitos fala e linguagem, conforme abordam Law et al. (2000), referenciados por Prates e Martins (2013). Linguagem trata-se do sistema simbólico usado para representar os significados em uma cultura, abrangendo seis componentes: fonologia, que são os sons da língua; prosódia, a entonação, sintaxe a organização das palavras na frase; morfologia, a formação e a classificação das palavras; semântica, o vocabulário; e pragmática, o uso da linguagem. Já a fala refere-se ao canal que realiza a expressão da linguagem e corresponde à realização motora da linguagem. Ou seja, a linguagem significa receber e transmitir informações de forma efetiva, enquanto que a fala se refere basicamente à maneira de articular os sons na palavra, incluindo a produção vocal e a fluência. (PRATES; MARTINS, 2013).

Para que a fala e a linguagem se constituam e se desenvolvam já na Educação Infantil,

[...] é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BNCC, 2018, p. 40).

Prates e Martins (2013), em relação à aquisição e desenvolvimento de linguagem, contribuem, com base em Prates, Melo e Vasconcelos (2011), afirmando que, entre zero a seis anos espera-se que as crianças sejam capazes de:

Zero a 12 meses	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mostrar interesse pelas pessoas e objetos.</li> <li>- Fazer contato de olhos.</li> <li>- Emitir sons, chorar, agarrar objetos com a mão, reagir a sons e vozes familiares.</li> </ul>
-----------------	--

12 a 18 meses	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Responder a comandos verbais sem pistas visuais. Ex: dar tchau, jogar beijo, bater palmas quando alguém canta parabéns.</li> <li>- Começar dizer as primeiras palavras com significado. Ex: mama, papa, dadá, tetê.</li> <li>- Olhar quando chamado pelo nome.</li> <li>- Entender o “não”.</li> </ul>
18 a 24 meses	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizar duas palavras. Ex: dá neném! Dá dedeira! É meu!</li> <li>- Saber as partes do corpo e identificá-las. Ex: cadê o cabelo? Cadê a barriga? Cadê a boca?</li> <li>- Responder “sim” e “não” e usar gestos com a cabeça ou dedinho para responder perguntas.</li> <li>- Brincar com os objetos da forma convencional. Ex: utilizar colher para comer, pente no cabelo, copo para beber.</li> </ul>
2 a 3 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saber o nome dos objetos do dia-a-dia. Ex: copo, boneca, cachorro (au-au), carro, bola, etc. (fala aproximadamente 200 a 300 palavras).</li> <li>- Saber quem são as pessoas próximas. Ex: papai, mamãe, vovó, titia, o nome do irmão, etc.</li> <li>- Saber a diferença entre grande e pequeno, muito e pouco.</li> <li>- Utilizar “quem” e “onde” para fazer perguntas.</li> <li>- Conhecer algumas cores básicas (mas ainda não sabe falar). Ex: pegue o carro vermelho!</li> <li>- Usar verbos para formar frases simples. Ex: “eu estava brincando”, “papai está dormindo”, “eu fui à escolinha”, “cadê o au-au?”, “que au-au grande!”.</li> <li>- Gostar de “ajudar” os adultos nas atividades domésticas, brincar de faz de conta, entender o que é permitido e proibido.</li> </ul>
3 a 4 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Responder a perguntas com “quem”, “onde” e “o que”.</li> <li>- Ter noção de “frente” e “trás”.</li> <li>- Conhecer as cores (vermelho, azul, amarelo, verde) e formas geométricas (círculo, quadrado, triângulo).</li> <li>- Utilizar frases de 3 a 4 palavras. Ex: “mamãe é linda!” “cadê a minha bola?”</li> <li>- Obedecer a ordens seguidas. Ex: “vai ao quarto e pega o sapato e dá para a vovó”.</li> <li>- Gostar de cantar e brincar com palavras e sons.</li> <li>- Brincar com outras crianças e saber esperar a sua vez no jogo.</li> <li>- Perguntar muito.</li> <li>- Início do uso de discurso direto e indireto.</li> </ul>
4 a 5 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falar todos os sons da língua, mas ainda pode ter dificuldades nos encontros consonantais. Ex: planta, prato, braço.</li> <li>- Manter uma conversa.</li> <li>- Conseguir lembrar situações passadas e contar histórias simples, por exemplo, o</li> </ul>



	<p>que fez na escola, o que comeu, quem encontrou na rua, etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Gostar de brincar em grupo, de imitar personagens e brincar de faz-de-conta.</li> <li>- Ser curioso e ansioso para mostrar o que aprendeu e o que sabe fazer.</li> <li>- Conseguir contar histórias como narrador.</li> </ul>
5 a 6 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ter noção temporal. Ex: amanhã, ontem, hoje, antes, depois, dias da semana, manhã, tarde, noite, primeiro, segundo, terceiro...</li> <li>- Identificar letras do próprio nome.</li> <li>- Conhecer os números.</li> <li>- Manter uma conversa.</li> <li>- Falar as palavras corretamente.</li> <li>- Gostar dos amigos e de brincar de faz de conta. Ex: super-herói.</li> <li>- Interessar-se pela leitura e escrita.</li> <li>- Contar histórias com mais detalhes.</li> </ul>

### Quadro 1 - Desenvolvimento de linguagem em crianças de zero a seis anos.

Fonte: Prates, Melo e Vasconcelos (2011) apud Prates e Martins (2013).

Fica evidente que esses primeiros anos de vida da criança são a base, assim ela precisa de auxílio da família e demais adultos com quem convive para que a linguagem se desenvolva da melhor forma possível, de forma adequada, pois “A aquisição normal da linguagem é dependente de uma série de fatores, como o contexto social, familiar e histórico pré, peri e pós-natal do indivíduo, suas experiências, capacidades cognitivas e orgânico-funcionais.” (PRATES; MARTINS, 2013, p. 55). Além disto, segundo os mesmos autores, outro fator aliado a este processo de aquisição da fala é a integridade auditiva uma vez que “É por meio da audição que a criança tem acesso à linguagem oral, sendo capaz de detectar, identificar, discriminar, reconhecer os sons da fala para, posteriormente, compreendê-los e produzi-los.”, ou seja, a integridade auditiva é pré-requisito para a criança evoluir. (PRATES; MARTINS, 2013, p. 55-56).

Para Mousinho et al. (2008), para que ocorra a aquisição e o desenvolvimento da linguagem oral, deve-se considerar dois aspectos: a relação entre linguagem e cognição e entre a linguagem e a comunicação. Neste sentido, a relação existente entre linguagem e cognição, para os autores, ocorre, pois

[...] pensa-se bastante por meio da linguagem depois que desenvolvemos esta habilidade. A memória, a atenção e a percepção podem ter ganhos qualitativos com ela. Ela também ajuda na regulação do comportamento. Na infância, podemos observar o desenvolvimento da linguagem como apoio à cognição a partir dos dois anos, em média, principalmente por meio da forma como a criança brinca. (MOUSINHO et al., 2008, p. 298).

Já sobre a relação entre linguagem e comunicação, Mousinho et al. (2008, p. 298-299) afirmam que

[...] temos a intenção comunicativa, e podemos nos comunicar de diversas formas diferentes, através de gestos, do olhar, de desenhos, da fala, entre outros. A estrutura da linguagem nos permite lançar mão de recursos mais sofisticados, a fim de aprimorar nossas possibilidades da comunicação.

Para Zorzi e Hage (2004), a aquisição de linguagem implica no desenvolvimento da criança e na aprendizagem dos conceitos e das categorias, como também, na inserção destas ao meio social, oportunizando assumirem sua própria identidade, pois é fato que a criança com dificuldades na linguagem corre o risco de ter problemas nas diferentes áreas escolares e na vida em geral, afetando o seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo como um todo, fato já apontado também por Prates e Martins (2013). O grau de desenvolvimento da criança determinará o tipo de resposta que ela mesma irá produzir, ou seja, quanto mais baixo for o nível de desenvolvimento, mais limitadas serão as capacidades de respostas da criança, especialmente do ponto de vista da confiabilidade. O nível de desenvolvimento influi também no tipo de tarefa que será utilizado. Distintas tarefas significam distintas exigências para a criança.

#### 1.1 FATORES IMPEDITIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL

Desde o nascimento a criança se comunica através do choro, do olhar e dos gestos. De acordo com Limongi (2003), o bebê é capaz de distinguir vozes, diferenciar padrões de entonação, gestos e movimentos corporais,

que são bases para o desenvolvimento comunicativo e de linguagem.

Segundo Lima (2000), os maiores avanços motores, cognitivos e sociais da criança, acontecem nos três primeiros anos de vida, como também, a aquisição da linguagem, um dos requisitos que são essenciais para o seu desenvolvimento integral. Muitos são os aspectos que podem auxiliar ou não o desenvolvimento normal da criança, entre eles, os que estão ligados às condições do meio e a culturas de onde a criança vive, o grau de estimulação através da relação familiar e a alimentação da mesma. Para o autor supracitado, quando algum desses aspectos acima relacionados acaba por exercer influência negativa no desenvolvimento global da criança, o risco de provocar atrasos e distúrbios no desenvolvimento infantil é muito grande, podendo vir a comprometer seriamente à aquisição e o desenvolvimento da linguagem.

Neste sentido, conforme aponta Lima (2000), o período crucial para o desenvolvimento linguístico se dá do 0 aos 3 anos, pois neles é que se verificam todas as etapas do desenvolvimento da linguagem que vão permitir à criança apropriar-se das competências necessárias e, a partir dos três anos e meio, ser capaz de dominar a estrutura da língua alvo, para enfim ser capaz de falar inteligivelmente, sem grandes dificuldades. Neste processo, as trocas de sons fazem parte do processo de aquisição da fala e são esperadas até por volta dos quatro anos, quando a criança já está apta a produzir todos os sons.

Bondioli e Mantovani (1998) também apontam que é a posição interativa que coloca em recíproca relação as qualidades inatas das estruturas linguísticas de base, a influência do ambiente circundante, mas vão além, afirmam que há contribuição da pessoa que educa a criança, pois essa pessoa é responsável pela continuidade do desenvolvimento das capacidades comunicativas da criança, continuidade que, partindo de uma fase pré-linguística, alcança a fase linguística através de

uma constante motivação em comunicar e interagir por parte da criança. Isto reforça que a escola tem grande responsabilidade e influência sobre o desenvolvimento da linguagem e, por isso, precisa desempenhar bem seu papel para corresponder a essas expectativas que lhe são impostas.

Prates e Martins (2013), corroborados por Schirmer, Fontoura e Nunes (2004), consideram que a linguagem oral, por muitas vezes, é prejudicada por distúrbios de comunicação, os quais podem ser ocasionados por fatores orgânicos, emocionais (estrutura familiar relacional) e ainda intelectuais/cognitivos; e, inclusive, a interrelação entre esses elementos. Estes distúrbios de comunicação podem ser conceituados

[...] como impedimentos na habilidade para receber e/ou processar um sistema simbólico, observáveis em nível de audição (sensibilidade, função, processamento e fisiologia); linguagem (forma, conteúdo e função comunicativa); e processos de fala (articulação, voz e fluência). (AMERICAN SPEECH... apud PRATES; MARTINS, 2013, p. 57).

Podem surgir espontaneamente ou de causa obscura ou desconhecida (idiopático)<sup>1</sup>, sozinhos e podem se agravar por influência cultural, do meio ou quando as crianças são ensinadas de forma errada (BONDIOLI; MANTOVANI, 1998; LIMA, 2000; PRATES; MARTINS, 2013), isto é, estes distúrbios da fala e da linguagem, neste caso, não estão atrelados a possíveis deficiências. Estes terão sua maior incidência dos 4 aos 6 anos, todavia começam a se destacar a partir dos 3 anos, podendo se estender até os 8 anos. (PRATES; MARTINS, 2013).

Os principais distúrbios da fala são: Transtorno fonológico que possui como características “[...] um atraso na aquisição dos sons/fonemas da língua ou aquisição desviante. - Produção atípica dos sons da fala, omissões, substituições ou adições. - Histórico familiar”. (PRATES; MARTINS, 2013, p. 58); Gagueira de desenvolvimento, que, como características, surge “entre 2 e 3 anos. - Caracterizada por

<sup>1</sup> [Medicina] Que ocorre de modo espontâneo, naturalmente ou sem razão aparente; que não se forma a partir de outra doença.

rupturas (disfluências) na fala, como repetições de sons e sílabas, bloqueios e prolongamentos. - Movimentos associados. - Histórico familiar”. (PRATES; MARTINS, 2013, p. 58); Alteração no desenvolvimento da linguagem oral, quando as características se apresentam

- Sem causa aparente. - Podem-se observar atraso ou distúrbio no desenvolvimento da linguagem. - A alteração pode ser na expressão e/ou recepção da linguagem. - Caracteriza-se por vocabulário pobre, dificuldade na combinação de palavras para formar frases, uso inadequado da linguagem, sintaxe pouco estruturada, dificuldade de compreensão, alterações gramaticais, fala ininteligível, dificuldade com conceitos abstratos e figurativos. - Histórico familiar para alteração no desenvolvimento da linguagem oral e/ou escrita. - Excluem-se perda auditiva, impedimentos no desenvolvimento cognitivo e no desenvolvimento motor da fala, distúrbios

socioemocionais, sintomatologia neurológica manifestada. (PRATES; MARTINS, 2013, p. 58).

Independente dos fatores, os problemas relacionados à comunicação podem ser prevenidos (quando não relacionados a situações de deficiência) ou reduzidos. A família, o professor, juntamente com profissionais adequados devem estar atentos e identificar, já na educação infantil, alterações na área da linguagem e, assim, implementar metodologias e práticas que promovam a aquisição da linguagem, para fomentar a produtividade do aluno e do professor, para que as conquistas posteriores sejam com qualidade, uma vez que, para o aprendizado da escrita, a criança precisa primeiro ter domínio da linguagem oral, da consciência fonológica. (PRATES; MARTINS, 2013).

## 2 O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO – UM AUXÍLIO PARA O ENFRENTAMENTO DAS DIFICULDADES DA LINGUAGEM ORAL

Conforme expõe Slama (1979), a língua é um bem pessoal, na medida em que é um bem coletivo. A linguagem oral está presente no dia a dia das instituições de Educação Infantil; de todas as linguagens é a mais usada, sendo assim, dificuldades em relação a ela podem causar forte impacto sobre a vida da criança pelos prejuízos que ocasiona em todas as áreas do desenvolvimento: cognitivo, pessoal, de autoaceitação, como de convivência social, conforme já apontado por Zorzi e Hage (2004) e defendido por outros autores. À medida que dificuldades de aprendizagem em relação à linguagem se apresentam, podem ser desencadeados, conseqüentemente, vários fatores negativos como a frustração, o sentimento de rejeição, problemas de baixa autoestima que irão interferir no desenvolvimento normal das crianças. Por muitas vezes podem se isolar, terem dificuldades de se comunicar, se tornarem agressivos e, até, a não mais compreenderem as outras crianças, como também os adultos.

Fica evidente que a linguagem tem grande importância para a criança, pessoalmente e socialmente, para a construção da sua autoestima e para a sua socialização. O bom

desenvolvimento da linguagem requer participação e motivação da família, pois a linguagem se manifesta na criança já desde os primeiros dias de vida, desenvolve-se na relação com a mãe (LIMONGI, 2003) e evolui no seio da família através de seus estímulos (LIMA, 2000), e ainda motivação da escola, já que quando inserida no contexto escolar passa a receber mais estímulos pela interação com outros adultos, que a educam. (BANDIOLI; MANTOVANI, 1998). Exige também parceria entre a família e a escola e ainda demanda que sejam criadas situações significativas todos os dias.

Todavia, vale ressaltar que, ao mesmo tempo que são contributivos, família e escola podem se transformar no fator desencadeador de problemas de comunicação ou pelo menos contribuir para que isto ocorra. (PRATES. MARTINS, 2013). No contexto escolar, nem sempre a linguagem oral é trabalhada com intencionalidade pelos profissionais, embora tenham sido produzidas há muito anos, orientações curriculares como os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa (PCNs) e o Referencial Curricular Nacional para



a Educação Infantil (RCNEI), que exige o trabalho com a linguagem oral em sala.

É fundamental conhecer as dificuldades encontradas pelas crianças e a relação com o desenvolvimento humano, para permitir ao educando um desenvolvimento pleno. Nesse sentido,

Alguns sinais de possíveis alterações podem ser detectados na criança ainda muito pequena, como ausência de contato de olhos; não reação a sons como telefone e campainha; não reação quando chamada pelo nome; volume de televisão muito alto; ausência de fala ou fala incompreensível; vocabulário restrito; dificuldade de interação social e agressividade. (PRATES; MARTINS, 2013, p. 58).

Ainda, como sinal de alerta de incoerência da linguagem, é preocupante quando a criança até os 18 meses ainda não emitiu nenhuma palavra, aos 20 meses ainda não consegue expressar duas palavras, quando com 2 anos ainda não atingiu a fase simbólica e de imitação, quando aos 3 anos não elabora uma sentença e, quando aos 3 anos não se expressa com clareza. (ANEJA... apud PRATES; MARTINS, 2013).

O professor deve estar sempre atento, solicitar ajuda, quando perceber que o desenvolvimento da criança não está ocorrendo como deveria, e o psicopedagogo, nesse processo, deve ser seu aliado, pois a psicopedagogia abrange um vasto conhecimento sobre os diferentes processos de aprendizagem, permitindo, assim, que o psicopedagogo atue, auxiliando os sujeitos que apresentam diferentes dificuldades. (MORIN; LE MOIGNE, 2000).

Sendo a tarefa principal do psicopedagogo a ação de prevenir, nas instituições escolares deve adotar uma postura crítica diante das dificuldades de aprendizagem que os alunos apresentam, objetivando propor novas alterações de ação voltadas para a melhoria da prática pedagógica nas escolas. (PORTO, 2009 apud FIOREZZANO, 2017). Assim, deve auxiliar no desenvolvimento de ações significativas e eficazes de ensino da oralidade, muito mais de cunho preventivo, utilizando-se de pressupostos de investigação, sondagem,

avaliação, diagnóstico para, a partir daí, apontar caminhos que favoreçam o aprender em prol de avanços e melhorias nos processos e nos resultados, sejam eles individuais ou grupais, sempre levando em consideração as particularidades de cada criança, por serem únicos.

Castro e Gomes (2000), contribuem afirmando que a detecção precede problemas linguísticos, o que permite a prevenção, assim, atividades de interação comunicativa e de desenvolvimento linguístico, atividades de consciência fonológica, são fundamentais para as crianças que apresentam dificuldades em nível da linguagem oral.

Para intervir, nesse contexto, o psicopedagogo precisa primeiro se atentar para os processos cognitivos básicos da aprendizagem: atenção, memória, percepção, linguagem, imaginação, raciocínio lógico e motricidade, pois ele tem o papel fundamental na melhoria das condições de aprendizagem dos alunos, professores e de toda equipe escolar e suas relações entre o ensinar e o aprender. (FIOREZZANO, 2017). Assim sendo, é imprescindível evidenciar que uma intervenção psicopedagógica em uma criança que apresente algum tipo de problema na linguagem, quando precocemente diagnosticada e devidamente auxiliada, poderá prevenir uma enorme dificuldade de aprendizagem e de desenvolvimento, pois, crianças com distúrbios específicos de desenvolvimento de linguagem também podem apresentar dificuldades quanto ao desenvolvimento social e emocional, como já apontado. (CASTRO; GOMES, 2000).

Portanto, é necessário ensinar a criança a utilizar adequadamente a linguagem, começando pelas suas capacidades, fazendo o uso da língua oral de forma cada vez mais competente. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 38) sobre a linguagem oral, seu uso e formas, relaciona o uso competente da linguagem oral do aluno com as competências da escola em oportunizar esse espaço, quando alude que

[...] o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende

consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas.

Isso significa que, além de ensinar a falar (quando pequenos), a escola deve ensinar a falar correto, e muito mais, ensinar o uso adequado da fala e da linguagem no dia a dia, com coerência, de forma argumentativa, como apontam Law et al. (2000 apud PRATES; MARTINS, 2013). Quando se tem o domínio da linguagem, o processo de interação pode ficar mais fácil, proporcionando o saber ouvir, o respeito à fala do outro, a organização de ideias para que possam transmitir com clareza e segurança os seus pontos de vista.

Neste contexto, criar situações naturais e lúdicas permite ao profissional identificar os problemas existentes a este nível. Logo, o Psicopedagogo deve desenvolver um trabalho que tenha objetivo de encorajar o uso da fala como forma de expressão, criando condições para a aprendizagem de palavras novas, incentivando a compreensão e a produção de enunciados complexos, para que a criança consiga transmitir as informações efetivamente.

Para tanto, as técnicas mais usadas são a modelação, em que o adulto serve de modelo linguístico para a criança, a reformulação e a expansão, trabalhando enunciados pela própria criança (MOUSINHO et al., 2008), principalmente as crianças pequenas, pois a linguagem é desenvolvida de forma processual.

Através da linguagem oral a criança tenta se comunicar, expressar desejos, ideias sobre o que acontece com ela, seus sentimentos e pensamentos. (BNCC, 2018). Por isso, os professores, tanto quanto os psicopedagogos devem oportunizar na sua prática que a linguagem oral aconteça em todos os momentos na educação infantil, contribuindo para que a criança se expresse e aprimore a linguagem para que possam ser entendidas. Nesse contexto, os profissionais podem utilizar-se de produções individuais e coletivas: seja um texto, uma escultura, uma coreografia, etc., para que as crianças façam uma descrição sobre; debater sobre situações-problema do dia a dia, como a

organização do espaço utilizado: uso dos brinquedos, o parque, discussões, etc.; fazer com que as crianças organizem oralmente etapas de tarefas a serem realizadas, etapas de receitas diversas, regras do ambiente escolar; conversar sobre todas as formas de expressão: fotos, desenhos, comportamentos, dança, etc.; estimular que façam descrição dos colegas, familiares, pessoas da escola, etc.; incentivar que expressem seus pontos de vista e opinem em relação a relatos de colegas, entre outros assuntos. (BNCC, 2018).

Nessa perspectiva, a roda de conversa é uma atividade sólida, eficaz, por ser diária e permanente. É o momento de diálogo entre o professor e seus alunos, oportunidade para ampliar o vocabulário e valorizar as atividades em grupo, podendo acontecer em diversos momentos. O psicopedagogo, no seu papel de prevenir as dificuldades de aprendizagem deve enfatizar para o professor a importância, dessa prática e propor diferentes instrumentos, recursos e ações para que cada roda de conversa ocorra de forma diferenciada e, assim, o encantamento e a dinamicidade desse momento supere a mesmice. Segundo Chaer e Guimarães (2012), na roda de conversa, consegue-se dispor de várias situações para trabalhar com a Educação Infantil, mas nem sempre tem a importância merecida nas práticas e planejamentos.

Nas inúmeras interações com a linguagem oral das crianças vão tentando descobrir as regularidades que a constitui, usando todos os recursos de que se dispõe: histórias que conhecem vocabulário familiar, etc. Assim acabam criando formas verbais, expressões e palavras, na tentativa de aproximar-se das convenções da linguagem. (BRASIL, 1998, p. 126).

A roda de conversa permite que todos falem e ouçam, discutindo e expressando ideias e opiniões sobre a situação proposta ou tema, ampliando o conhecimento de uma forma mais atraente e divertida, por isto, o psicopedagogo pode utilizar-se da mesma ferramenta para trabalhos grupais, já que, conforme o RCNEI,

A linguagem oral possibilita comunicar idéias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado



acontece dentro de um contexto. [...]. Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa. (BRASIL, 1998, p. 120).

A música, as cantigas de roda também podem ser utilizadas de várias formas, pois inclui a ação de cantar (linguagem oral), perpassando pela dança, gestos mímicos, etc. Como citado pelo RCNEI (1998), as atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pelas atividades musicais, como: ouvir música, brincar de roda, aprender canções novas, confecção de brinquedos rítmicos, dentre outros, vão muito além das esferas afetivas e cognitivas, pois auxiliam nas experiências, percepção e reflexão, conduzindo para níveis cada vez mais avançados e proporcionam segurança para o aluno.

A contação de história também é fundamental; a criança ouve a história e, em seguida, reconta a sua maneira, estimulando, assim, seu desenvolvimento integral: atenção, memória, percepção, linguagem oral, imaginação, raciocínio lógico, entre outros.

Ainda nessa etapa, o contato com diversos instrumentos e suportes escritos convidam a criança a fazer uso destes, como: literatura infantil, parlendas, jornais, poemas, as histórias com rimas, receitas culinárias, dentre outras, e assim, começam a observar a importância da estrutura dos textos, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem mais complexa. As crianças precisam ser imersas na cultura escrita para compreenderem o significado e a importância da linguagem e como esta trata-se de um instrumento eficaz para sua comunicação. (BNCC, 2018).

Percebe-se que as ações pedagógicas voltadas para o desenvolvimento e aprimoramento da linguagem influem diretamente para o desenvolvimento das outras áreas.

O movimento do sopro, nesse cenário, auxiliará no desenvolvimento da linguagem oral, pois exercita os músculos que intervêm na fala,

especialmente os das bochechas. O sopro também melhora a pronúncia, ajudando a consolidar os fonemas, isso porque, para realizar o sopro, a criança precisa projetar os lábios para fora, como se fosse dar um beijo, ou dizer 'a' vogal 'u'. Precisa que a mandíbula se mantenha estável e que a língua se retraia para que os lábios possam sustentar o sopro e não mordê-lo. As experiências podem ser feitas com bolhas de sabão, assobiar, soprar uma bolinha com ajuda de um canudo, entre outros. Outros recursos podem ser utilizados pelos profissionais para apropriação, desenvolvimento ou aprimoramento da linguagem, como gravadores, celulares, computadores, filmadoras, atribuindo às atividades sentido, significado. (BNCC, 2018).

Em suma, mostrar a importância do psicopedagogo frente às dificuldades de linguagem na educação infantil, é expor parte da vivência e da experiência junto às crianças na educação infantil. O psicopedagogo, assim como o professor, resgata a linguagem corporal, musical, plástica, oral ou escrita e sua contribuição para que as crianças compreendam melhor e também sejam compreendidas na expressão de suas ideias, vontades e sentimentos, ampliando, assim, sua capacidade expressiva e melhoria na construção do conhecimento e desenvolvimento. (MORIN; LE MOIGNE, 2000).

Enfim, quando a criança apresenta algum tipo de deficiência grave, fica fácil a sua identificação, mas os distúrbios de linguagem não são habitualmente diagnosticados antes dos quatro anos de idade, e os distúrbios de aprendizagem somente são identificados quando a criança ingressa na escola. É quando essas dificuldades constantes de linguagem tornam a criança vulnerável, podendo ter problemas posteriores na aquisição de leitura e da escrita e baixo rendimento escolar, deixando, assim, de acompanhar o currículo. (MOUSINHO et al., 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem precisa de estimulação, por isso deve ser trabalhada desde o início da vida

das crianças. Quando a criança é inserida no ambiente escolar este trabalho torna-se fundamental, assim, os professores devem oportunizar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, utilizando-se dos vários instrumentos e recursos, criando situações significativas todos os dias, contemplando esta prática como fator primordial em sala e, nesse processo, o psicopedagogo é o parceiro direto do professor, principalmente quando se trata de ações para prevenir que dificuldades se apresentem. Todavia, quando estas se apresentarem, o psicopedagogo pode contribuir, intervindo, apresentando diferentes possibilidades para o desenvolvimento deste processo. Para tanto, o psicopedagogo deve compreender como a aquisição da linguagem ocorre e os fatores que impedem que a criança se devolva nesse processo.

O presente estudo demonstra a importância das práticas pedagógicas que os profissionais escolhem para utilizar em sala; enfatiza o respeito à singularidade de cada aluno e importância da linguagem na construção do sujeito, seja na vida pessoal quanto nas relações interpessoais. Tal compreensão promoverá a igualdade de oportunidade aos alunos, considerando suas necessidades no desenvolvimento do planejamento pedagógico para todo o grupo.

Este trabalho não teve a pretensão de esgotar o tema, mas de mostrar e de provocar nos professores e pais, uma reflexão sobre a observação e sobre suas práticas com seus filhos/alunos, para que avaliem as etapas de desenvolvimento da linguagem e atrasos e fracassos sejam evitados, assim como, caso constatem alguma irregularidade, procurem auxílio especializado, que possa contribuir com a criança no enfrentamento de suas dificuldades.

## REFERÊNCIAS

BONDIOLI, A; MONTOVANI, S. **Manual de Educação Infantil, de 0 a 3 anos:** uma abordagem reflexiva. Tradução Rosana Severino Di Leone e Alba Olmi. 9. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997. 144p.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. vol. 3. Brasília, MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular.** 2018. Versão impressa. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

CASTRO, S. L.; GOMES, I. **Dificuldades de Aprendizagem da Língua Materna.** Lisboa: Universidade Aberta, 2000.

CHAEER, M. R.; GUIMARÃES, E. G. M. **A importância da oralidade:** educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. 2012. Disponível em: <<http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/43870/a-importancia.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2017.

FIOREZZANO, Giane. Introdução à Psicopedagogia II e Psicopedagogia Institucional: Avaliação e Intervenção Psicopedagógica. **Apostila.** Navegantes: Sinergia Sistema de Ensino, 2017.

LAW, J. et al. Prevalence and natural history of primary speech and language delay: findings from a systematic review of the literature. *Int J Lang Comm Dis.* 2000; 35(2):165-88. In: PRATES, L. P. C. S.; MARTINS, V. O. M. Distúrbios da fala e da linguagem na infância. **Revista Médica de Minas Gerais.** Vol.: 21. (4 Suppl.1). 2013. Disponível em: <<http://rmmg.org/artigo/detalhes/808>>. Acesso em: 10 out. 17.

LIMA, R. **A Linguagem Infantil – Da Normalidade à Patologia.** Braga: Edições APPACDM, Distrital de Braga, 2000.

LIMONGI, S. O. **Fonoaudiologia:** informação para a formação. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2003. p. 1-18.

MORIN, E.; LE MOIGNE, J. L. **A inteligência da complexidade.** 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MOUSINHO, R. et al. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades

que podem surgir neste percurso. **Revista Psicopedagogia**, v. 25, n. 78, São Paulo, 2008.

PORTO, Olívia. Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009. In: FIOREZZANO, Giane. Introdução à Psicopedagogia II e Psicopedagogia Institucional: Avaliação e Intervenção Psicopedagógica. **Apostila**. Navegantes: Sinergia Sistema de Ensino, 2017.

PRATES, L. P. C. S.; MARTINS, V. O. M. Distúrbios da fala e da linguagem na infância. **Revista Médica de Minas Gerais**. vol.: 21. (4 Suppl.1). 2013. Disponível em: <<http://rmmg.org/artigo/detalhes/808>>. Acesso em: 10 out. 17.

PRATES, L. P. C. S.; MELO, E. M. C.; VASCONCELOS, M. M. A. Desenvolvimento de linguagem em crianças até os seis anos - cartilha informativa. Projeto Creche das Rosinhas. Belo Horizonte: Departamentos de Pediatria e Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais; 2011. In: PRATES, L. P. C. S.;

MARTINS, V. O. M. Distúrbios da fala e da linguagem na infância. **Revista Médica de Minas Gerais**. vol: 21. (4 Suppl.1). 2013. Disponível em: <<http://rmmg.org/artigo/detalhes/808>>. Acesso em: 10 Out. 17.

SCHIRMER, C. R.; FONTOURA, D. R.; NUNES, M. L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. *J Pediatr*. 2004; 80 (2-supl):S 95-S103. In: PRATES, L. P. C. S.; MARTINS, V. O. M. Distúrbios da fala e da linguagem na infância. **Revista Médica de Minas Gerais**. Vol.: 21. (4 Suppl.1). 2013. Disponível em: <<http://rmmg.org/artigo/detalhes/808>>. Acesso em: 10 Out. 17.

SLAMA, T. C. **Psicolinguística aplicada ao ensino de línguas**. São Paulo: Pioneira, 1979.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**: Martins Fontes, 1991.

ZORZI, J. L.; HAGE, S. R. V. **Protocolo de observação comportamental**. São José dos campos: Editora Pulso; 2004.